



entrevistas —

# Entrevistas

**Doce de Letra**

1

**Angela Lago**  
**Luiz Raul Machado**  
**Fanny Abramovich**



**Doce de Letra**

2000

## Sumário

Angela Lago .....	4
Luiz Raul Machado .....	22
Fanny Abramovich .....	38
e-Books Doce de Letra .....	57

# Angela Lago Minas Mundi



Entrevista publicada em  
março de 1998

*Mais mineira que Angela Lago impossível. Já morou na Escócia, na Venezuela, viajou por dúzias de países para participar de exposições, falar de seus livros e receber os mais importantes prêmios de ilustração do mundo. Angela já foi premiada na França, na Espanha, na Eslováquia, no Japão. Já foi traduzida até na China. Mas sempre volta para Minas, mais precisamente para sua casa no Vale do Mutuca, uma região próxima de Belo Horizonte onde vive com seu marido, um gato, três cachorros e todos os caxinguelês, jacus, sabiás, bem-te-vis, viuvinhas, sanhaços e mico-estrelas que aparecem por lá.*

*Mas a opção pela mineiridade não briga com o interesse pela tecnologia. Angela foi uma das primeiras grandes ilustradoras a usar o computador como pincel e uma das primeiras autoras a fazer sua homepage na Internet. E graças à facilidade com que ela transita do lápis para o modem, DL pôde entrevistá-la via Internet. Neste papo, você vai descobrir que por trás de todo bom traço existe uma cabeça que pensa.*

**Doce de Letra** — Você escreve e ilustra. Quando pensa uma história nova, o que vem primeiro à sua cabeça, o texto ou a ilustração?

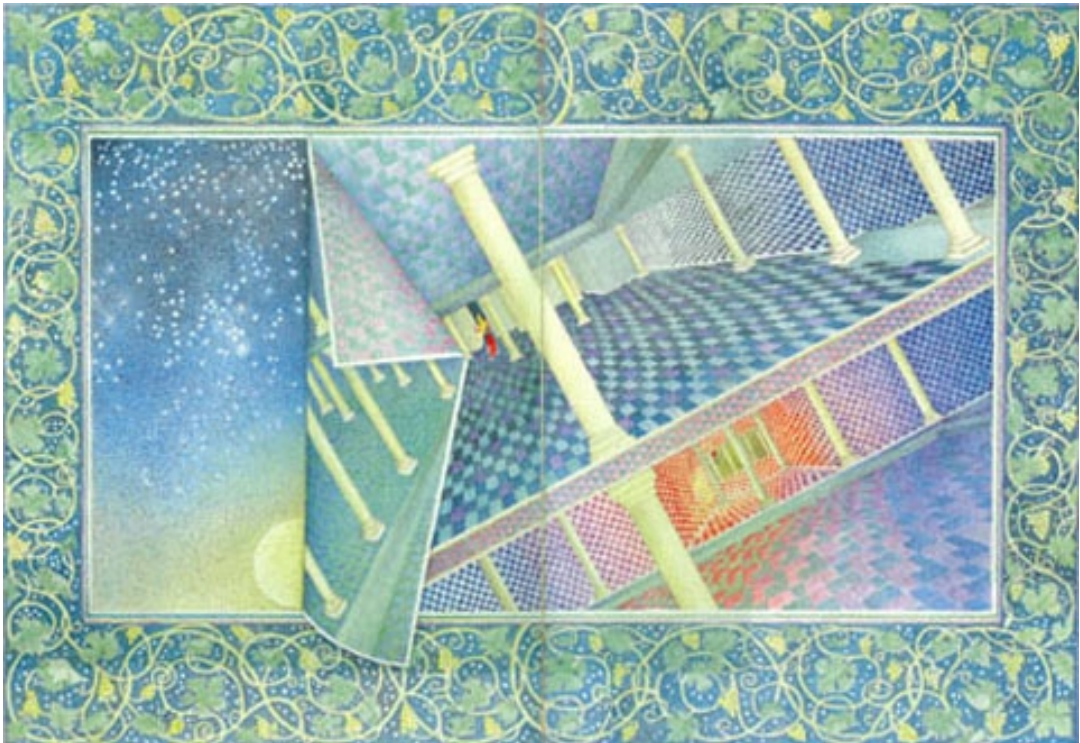
**Angela Lago** — Às vezes, o que vem primeiro pode virar texto ou desenho. É como um pesadelo ou um sonho, onde conta pouco se você ouviu mesmo palavras ou adivinhou as palavras num gesto. Mas nem sempre é assim. No «Uni Duni e Tê», por exemplo, comecei anotando as cantigas de roda de que me lembrava e acabei montando uma trama com elas. As ilustrações, que vieram depois, nem são necessárias.

**DL** — Seu processo de criação de livro com texto é igual ao dos livros de imagem? Como eles surgem na sua cabeça? Como você decide se o livro pede palavra ou não?

**AL** — Desenhar pode ser difícil, mas escrever é muito mais. Alguns livros meus ficam sem palavras porque não dou conta de escrevê-las. Tentei muito, um tempão mesmo, escrever um texto para o «Cântico dos Cânticos».

Na verdade queria só recortar uns pedacinhos do texto bíblico e, mesmo assim, não dei conta. Acabei achando melhor remeter o leitor para o texto completo na Bíblia. No caso do «Cena de Rua», nem tentei. Sabia que seria difícil demais.

**DL** — O «Cena de Rua» é um livro seu só de imagem,



Cântico dos cânticos. Tam orig. 48,5x34cm, pág. dupla

mas tem uma narrativa muito elaborada. Você podia falar um pouco da narrativa sem palavras?

**AL** — Não acho o «Cena de Rua» elaborado do ponto de vista da narrativa. Acho que é muito simples. Se compa-

ro com o «Outra Vez» ou os «Cânticos», vejo que a questão da circularidade da narrativa foi muito mais trabalhada nestes dois. O que acho elaborado no «Cena de Rua», ou pelo menos me custou um período de experimentações, é uma questão gráfica que quase ninguém dá importância.



Cena de rua. Tam orig. 40,5x20,8cm, pág. dupla

Não se trata da minha mudança de pincel, que é óbvia. Acho que se avancei um pouco dentro do meu trabalho gráfico neste livro foi pelo que consegui no aproveitamento da dobra da folha. Sei que isso parece loucura para quem não desenha livros e até para alguns colegas. Mas para mim o livro é também sua construção enquanto uma estrutura de páginas que prevêm um movimento e uma



direção do olhar. Pois bem, no «Cena de Rua», se você reparar, vai ver que o joelho do menino está justo na dobra da folha, no meio do livro, o que acentua o movimento e a emoção no momento que passamos a página. Ou então que algumas perspectivas foram construídas para serem lidas no ângulo de abertura de um livro e que não



Cena de rua. Tam orig. 40,5x20,8cm, pág. dupla

funcionariam ou funcionariam pior num quadro pregado plano em uma parede.

**DL** — Eu queria falar mais um pouco do «Cena de Rua» porque, para mim e para mais um monte de gente, ele é um livro muito impressionante. Como foi a criação dele? Cada detalhe foi pensado ou ele foi daqueles livros que «andam sozinhos» e surpreendem até o autor?

**AL** — Na verdade essas experimentações foram feitas ao longo dos anos e já estão mais-ou-menos aparentes em outros livros. O «Cena de Rua» foi feito na emoção e, se comparo com outros trabalhos, rapidamente. Quanto ao fator surpresa, nenhum livro meu me surpreendeu ainda, embora alguns tenham exigido menos esforço. Na verdade, fica sempre faltando o livro que não provoque o sofrimento de perceber as próprias dificuldades e limites. Além de outros sofrimentos, pois o livro envolve muitos profissionais e nós choramos também as dificuldades e limites dos responsáveis pelos fotolitos, impressão, acabamento, selos colocados na segunda edição, colofão mal estudado na terceira... É bom não dar corda senão vira ladainha.

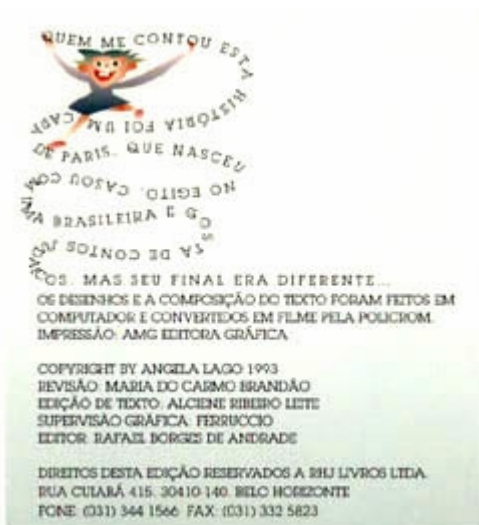


Cena de rua. Tam orig. 10x10cm

**DL** — Outro dia, a DL entrevistou a Graça Lima e ela dizia que livro só de imagem é para criança alfabetizada e não o contrário. O que você acha disso?

**AL** — Não penso assim. Acredito que meus livros de imagem são compreensíveis para crianças que ainda não sabem ler, mas já conseguem seguir uma sequência narrativa visual. Uma observação: prefiro recomendar o «Cena de Rua» para crianças acima de 9 anos, porque sei que o livro assusta os menores. Para estes tenho o «Outra Vez», que foi desenhado pensando naquela criança que nos pede no final de cada história para contar de novo.

**DL** — Posso estar falando uma bobagem sem tamanho mas não lembro de ter visto nenhum trabalho seu de ilustração de texto de terceiros, com exceção do Fernando Pessoa. Por que?



Casa pequena. Folha de créditos. Tam orig. 10x10cm

**AL** — Já illustrei para diversos autores, mas o fato de você não saber isso é que era o esperado. Venho trabalhando sobretudo para editoras mineiras, num mercado que vende direto para as escolas e não sou tão conhecida assim. Depois, a maioria dos meus livros são mesmo só meus. Gosto de ilustrar autores diferentes, mas acho mais fácil desenhar para mim mesmo — posso mudar o texto no meio do caminho de acordo com a minha conveniência. No livro «Pedacinho de Pessoa» faço uma remontagem de versos do Caeiro, à minha revelia. Eu queria desenhar a alegria de viver «com a alma das sensações». Foi uma experiência inusitada para mim, que nunca havia ilustrado um poema e tratei de me colar em cada palavra, como se estivesse traduzindo uma linguagem para outra linguagem.



Pedacinho de pessoa. Tam orig. 30x19cm, pág. dupla



**DL** — O «Cântico dos Cânticos» é uma ida ao céu em forma de imagem. É coisa de quem tem uma experiência mística profunda. Como é a sua relação com a religião?

**AL** — Nas épocas difíceis, acredito em tudo. Depois desacredito. Mas se olho para um céu estrelado, numa noite de preguiça e pouca conversa, fico mais mística que a Adélia Prado. Quanto ao livro, descobri O «Cântico dos Cânticos» com uns 14 anos, na Bíblia. Nesta época, foi uma experiência religiosa muito intensa. Ali estava, preto no branco, no livro que na nossa cultura é considerado o livro sagrado, uma belíssima permissão para ir ao

encontro do amor erótico. Meu livro foi uma tentativa de recuperar a lembrança desse maravilhamento de adolescente.

**DL** — Falando um pouco do seu processo de criação, como é ele? Você escreve/desenha todo dia? As histórias desabam sobre a sua cabeça ou você fica olhando o mundo e procurando onde está escondida a próxima?

**AL** — Trabalho de segunda à sexta. Passo muito tempo namorando uma idéia, escrevendo e reescrevendo ou fazendo estudos e esboços. «Cena de Rua», por exemplo, deve ter ficado na minha prancheta uns três meses.

**DL** — Você procura alguma periodicidade na sua produção?

**AL** — Em geral publico um ou dois livros a cada ano.

**DL** — A maioria dos autores têm uma relação de amor e ódio com as escolas. Como você se relaciona com esse universo de professores, fichas de leitura, visitas, etc?

**AL** — Para mim não é uma relação intensa. Não vou a nenhuma escola na minha cidade para não ficar obrigada a aceitar todos os convites. Os editores já sabem disso e não reclamam.

**DL** — De maneira geral, como é a sua relação com as chamadas novas tecnologias, como o computador?

**AL** — Quando comecei a trabalhar com computador, no final dos 80, minha expectativa era ter um maior controle sobre o produto final, o livro. Eu estava infeliz com o resultado impresso do meu trabalho e ciente que o com-

putador não só já substituía as outras formas de composição de texto, como gerenciava a feitura dos fotolitos. Além disso o computador me abria uma porta para experimentações. O livro que nasceu dessas primeiras brincadeiras, «Sua Alteza a Divinha», saiu em 89. Meu scanner na época era uma gerigonça colocada no lugar da fita da im-



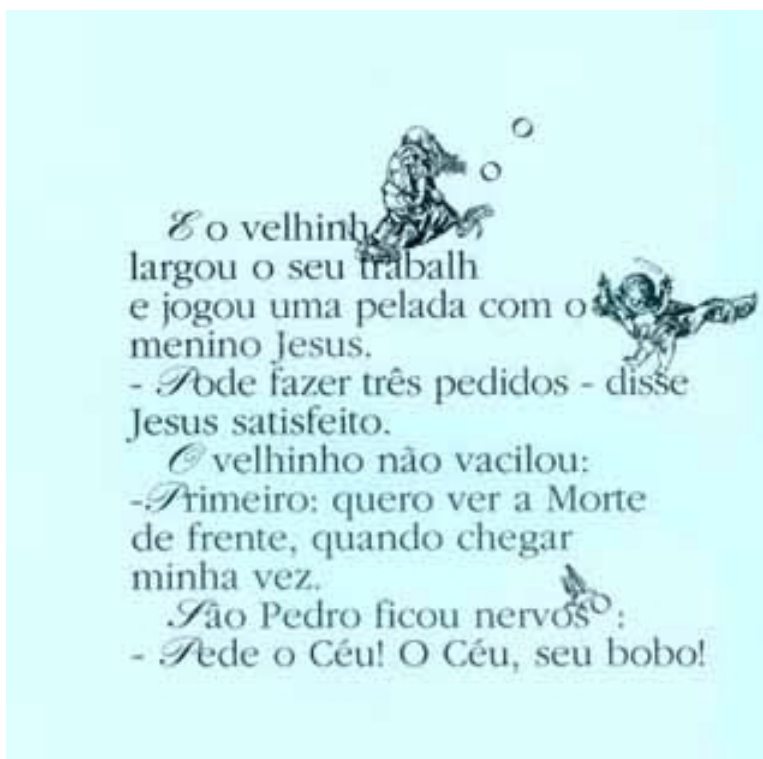
Sua Alteza a Divinha

pressora. Mesmo assim parti de uma imagem escaneada. Na época estava convencida de que o computador era sobretudo um banco de dados e que portanto não fazia sentido começar com a tela em branco. Acabei citando a fonte como «anônima e desconhecida». Ela tinha era ficado irreconhecível. Mas fiz eu mesma os fotolitos na maior satisfação. No meu segundo livro no computador

já tive a coragem de citar Dürer. Contava com a silenciosa convivência dos mortos, claro.

**DL** — Como foi que a relação com o computador mudou?

**AL** — Quando pude comprar um micro melhor, descobri o prazer de desenhar direto com o mouse a cores, e esqueci a história de «banco de dados». Agora a preocupação era só



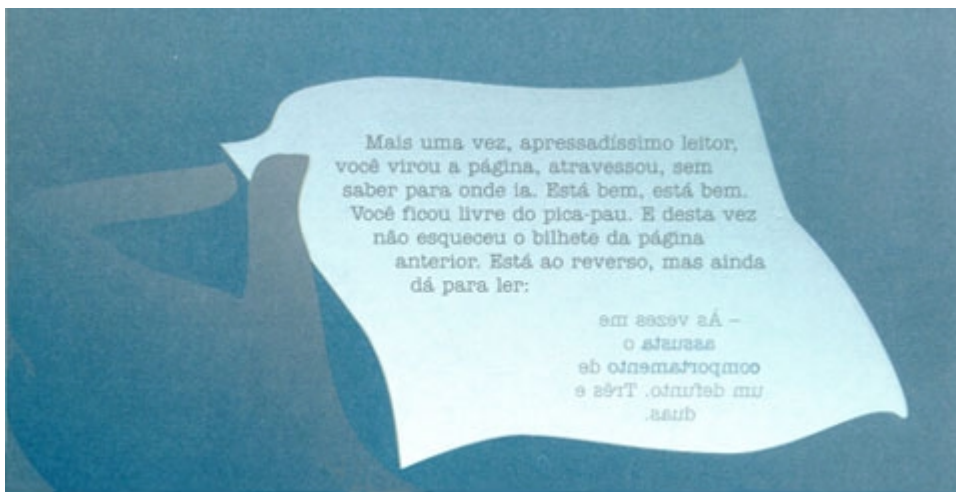
De morte. Tam orig. 20,2x21cm

deixar claro o pincel usado com suas gradações de cores lindamente mecânicas. Acho que sou mesmo da época do nylon e do banlon. Gosto quando fica na cara que foi feito no computador e detesto os programas que simulam pintura.



**DL** — O computador ajudou em alguma outra coisa, além de servir de lápis eletrônico?

**AL** — Eu tinha uma outra preocupação, que era a de conseguir livros cada vez mais econômicos. Em «Charadas Macabras» uso só duas cores para impressão em papel 65 gramas. Papel mais fino que isso só aquele



Charadas macabras. Tam orig. 21x20cm; detalhe

azulzinho de carta aérea. Até hoje fico satisfeita de ver que consegui um resultado razoável: usei a transparência da página em alguns desenhos e consegui opacidade onde ela não me convinha. Fazer este trabalho foi muito bom para mim. Hoje tenho mais mobilidade para trabalhar com diferentes papéis e orçamentos de produção.

**DL** — Você usa o computador para ilustrar ou faz tudo no lápis e no pincel?

**AL** — Tenho os livros de computador e os de prancheta.

São duas maneiras de trabalhar diferentes. Mas uma influencia a outra. Foram os projetos no «banco de dados» que me deram essa permissão de experimentar diferentes estilos. O exemplo de Picasso não tinha sido suficiente para mim. Já o uso da dobra e movimento da página, é coisa aprendida no papel, no boneco ou maquete.

**DL** — Você acha que o computador ajuda a criar uma nova linguagem visual ou ele é só uma ferramenta, sem nenhuma interferência na linguagem?

**AL** — Acho que para o trabalho impresso o computador pode ser considerado uma ferramenta. Ele desaparece depois da sua feitura, mesmo sendo um pincel mais inusitado. Será? Os fotógrafos digitais concordariam comigo? O ruim de entrevista é ter que afirmar coisas, quando a gente quer continuar pensando...



Casa pequena. Tam orig. 21x10,5cm, pág dupla



**DL** — Você foi uma das primeiras autoras brasileiras de primeira linha a fazer sua homepage. O Ciber-espacinho foi feito num tempo em que poucos escritores pensavam em estar no ar. Por que você resolver criar uma homepage?

**AL** — Porque a Internet é uma nova linguagem. Experimentá-la, mesmo numa homepage simples como a minha, é uma aventura. Embora tateando acho que a gente está no meio de uma invenção onde a forma de se comunicar vai ficando cada vez mais diferente.

**DL** — Quem faz a programação do Ciber-espacinho? Você mesma?

**AL** — Eu mesma, minha página não tem nenhuma complicação. Mas toda a hora vejo que tenho que aprender a pensar diferente, porque estou usando uma mídia diferente.

**DL** — Como a mídia diferente obriga a repensar os conceitos «do papel»?

**AL** — Por exemplo, a direção do olhar experiente, num livro de imagens, é comandada, de princípio, pela direção condicionada no ocidente como a da leitura. Lemos da direita para a esquerda, de cima para baixo até que a composição do desenho nos obrigue outras leituras. Quan-

do desenhamos um livro ou fazemos a composição gráfica de uma página impressa, de alguma forma temos sempre consciência disso. Na Web, a fragmentação da leitura pode ficar evidente já nos desenhos das páginas que encorajam uma relação interativa e uma sobreposição de textos. Além disso a leitura não é comandada só pela composição no espaço, mas também pela composição no tempo.

**DL** — Como é essa composição no tempo?

**AL** — Simplesmente lemos primeiro o que leva menos tempo para baixar. Por isso, muitas vezes lemos o texto antes da «chamada» ou título. Estou reformulando o Ciberespacinho agora e queria que, na hora que o texto da minha página central (do menu) aparecesse, ele funcionasse também como título. Como em alguns poemas concretos, ou nos poemas caligráficos de Apollinaire. De uma maneira simples, é claro, porque que meu espacinho é bem despretencioso. É uma alegria estar aprendendo uma coisa completamente nova. Quando a Doce de Letra me chamou a atenção para o fato que eu estava obrigando um rolamento de janela desnecessário, levei um susto. Estava esquecendo que havia diferentes tamanhos de tela e que a minha tela não era o padrão. Estava pensando como se estivesse diante de uma folha de papel. A sorte é que na Internet você pode errar e mudar, e errar e mudar de novo. Essa coisa confortável de uma homepage nunca ser sólida e terminada como um livro.

**DL** — Como você bolou o Ciber-espacinho?

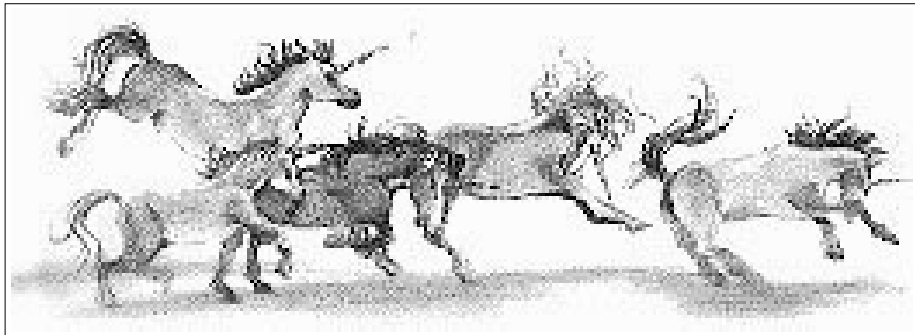
**AL** — Eu queria uma página que as crianças sentissem que era também delas. Por isso, os desenhos são quase todos feitos por elas, e é tudo o mais descomplicado possível. Queria também oferecer um pequeno catálogo dos meus livros para estimular vendas.

**DL** — Você teve alguma preocupação técnica com o Ciber-espacinho?

**AL** — Tive algumas. Por exemplo, eu gostaria de poder ser vista em computadores comuns: não necessariamente computadores de última geração ou equipados com a última versão de browser. Por isso, embora já esteja estudando algumas novidades, continuo com as gifs animadas por enquanto. Bem pequeninas, para não demorarem muito tempo para baixar. Mas estou tentando fazer as crianças criarem uma história em hipertexto...

# **Luiz Raul Machado**

## **E os unicórnios saíram da gaveta**



Entrevista publicada em  
novembro de 1998

*Guardador de papéis compulsivo, o maior desafio é fazê-lo tirar um texto da gaveta para virar livro. Quando alguém consegue a proeza, é uma felicidade para o leitor. Foi assim que, depois de uma longa pausa literária, Luiz Raul Machado publicou três livros no espaço de dois anos. Um deles, «Chifre em cabeça de cavalo», ganhou, este ano, a indicação de «O melhor para o jovem», Prêmio Orígenes Lessa da FNLIJ. Veja na entrevista o que se esconde entre os papéis de um dos mais criativos autores da LIJ brasileira.*

**Doce de Letra** — Você é um leitor compulsivo ou seletivo?

**Luiz Raul Machado** — Sempre fui compulsivo. Leio desde bula de remédio até outdoor. Leio vários livros ao mesmo tempo, sobre os assuntos mais diversos, vou pulando de uma coisa para outra. Mas agora, com idade, estou um pouquinho mais seletivo, ando lendo mais literatura, poesia, LIJ, tanto profissionalmente quanto por gosto.

**DL** — Se não fosse editor e pudesse ler só o que lhe dá prazer, o que leria?

**LRM** — As mesmas coisas.

**DL** — Quer dizer: bula de remédio, poesia, outdoor...

**LRM** — Isso mesmo (risos).

**DL** — O que você mais gosta de ler em LIJ?

**LRM** — Releio Monteiro Lobato até hoje com o maior prazer. Quando eu era pequeno, lembro que ia de «Reinações de Narizinho» até «Os doze trabalhos de Hércules» e depois voltava ao começo, pulando só aqueles que eu achava meio chatos.

**DL** — Quais eram os chatos?



**LRM** — Os mais didáticos, «O poço do Visconde», «Serões de Dona Benta»... Eu gostava da aventura, da loucura, da imaginação.

**DL** — E hoje?

**LRM** — Procuo estar atualizado com o que está saindo, mas tenho meus autores preferidos. Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Lygia Bojunga, Joel Rufino dos Santos - que, infelizmente, está escrevendo pouquíssimo.

**DL** — Você consegue lembrar do primeiro livro que leu sozinho?

**LRM** — Não.

**DL** — Na sua trajetória de leitor - que começa com esse livro perdido na memória e vem até hoje - você consegue lembrar dos livros que proporcionaram um salto qualitativo no seu processo de leitura?

**LRM** — Na primeira fase, Monteiro Lobato, sem dúvida.

**DL** — Por que?

**LRM** — Por que era livro que ficava em pé sozinho. Tinha muito texto e eu lia de ponta a ponta, com o maior prazer. Depois, lá pelos anos 70, foi Drummond. Eu já gostava de poesia, mas Drummond mudou minha maneira de ler. Foi outro salto.

**DL** — Como você passou de leitor a escritor?

**LRM** — Meu primeiro livro tem 22 anos. Foi lançado na Bienal de São Paulo, em 74. Foi o «João Teimoso», o

primeiro livro de ficção lançado pela Ática. Ele foi escrito aos pouquinhos, em cima de uma promessa que eu tinha feito aos meus sobrinhos e a filhos de amigos. Na verdade, «João Teimoso» nasceu enquanto ia sendo contado. Só depois passei para o papel e publiquei.

**DL** — Qual é a sua formação?

**LRM** — A mais diversificada possível. Fiz dois anos de Sociologia e parei. Depois, fiz dois anos de Pedagogia e interrompi também. Aí fui trabalhar, também em diversas coisas. Dei aulas particulares, entrei para a Editoria Abril como jornalista. Quando vim para o Rio, em 75, já com o «João Teimoso» debaixo do braço, entrei em contato com a FNLIJ e comecei a trabalhar para eles quase que ininterruptamente desde então, às vezes como funcionário, outras como colaborador.

**DL** — Você ficou quase 20 anos lá, não foi?

**LRM** — Fiquei sim. Mergulhei fundo no trabalho como técnico em LIJ. Dei cursos, oficinas, trabalhei junto com a Laura Sandroni na criação do projeto Ciranda de Livros - realizado com a Fundação Roberto Marinho. Trabalhei também na parte de desenvolvimento do hábito de leitura, mais uma vez com a Laura. Foi quando organizamos a coletânea «A criança e o livro», que é um guia prático de estímulo à leitura, publicado pela Ática.

**DL** — Você acha que o técnico influenciou o autor?

**LRM** — Influenciou ralentando o trabalho. Militando na área, escrevi muito pouco, muito espaçadamente. Depois do «João Teimoso», publiquei «Cabeça de cebola», em 77, através de uma cooperativa de jornalistas. Só em 83 lancei o livro seguinte, «Flávia Flávia, professora ao contrário», que saiu pela Orientação Cultural. Então, passou-se um longo tempo até que chegasse a «Fulustreca», em 94, pela Ediouro.

**DL** — Quais foram as pessoas, inclusive autores, com os quais você mais aprendeu a respeito de LIJ?

**LRM** — Em primeiro lugar, sem dúvida nenhuma, Ana Maria Machado, que além de grande autora é também uma grande pesquisadora e pensa muito sobre o assunto. Meu convívio com ela foi sempre repleto de reflexão sobre o fazer literário. E também o Bartolomeu Campos de Queirós, que reflete profundamente sobre o que é fazer literatura para crianças. Na verdade, há muita gente, mas esses dois são os mais significativos.

**DL** — Como escritor, o que atrai você na LIJ?

**LRM** — Outro dia, li num jornal uma citação do Gorki. Ele dizia mais ou menos o seguinte «escrever para crianças é como escrever para adultos; só que melhor». Andersen também falava a mesma coisa. É um tipo de pensamento que contraria o que habitualmente se escuta por aí: «se é para criança, qualquer coisa serve». Ou «se é bonitinho e engraçadinho é bom para criança». Sempre

acreditei que o trabalho mais apurado é o mais difícil. E é preciso elaborar muito o texto para que ele chegue à simplicidade que a criança merece. Aliás, que qualquer um merece. Que a boa literatura, para mim, exige. Essa simplicidade, essa clareza, esse colorido, essa economia no dizer a coisa me atrai muito na LIJ.

**DL** — Como é que uma história surge na sua cabeça?

**LRM** — Isso é uma coisa meio misteriosa. Às vezes, sai de uma conversa; outras, de outro livro. O «Cartão postal», por exemplo, que acabei de lançar na Bienal, nasceu de um poema do Eudoro Augusto. É um poema de três linhas. Quando li aquilo, me veio a história inteira à cabeça. Já no caso do João Teimoso, era uma lembrança minha, de menino, muito recorrente, a do boneco João Teimoso.

**DL** — A Flávia Flávia existiu mesmo?

**LRM** — Sim, foi minha guru literária. Aliás, esqueci de citá-la na pergunta lá de trás e é a pessoa principal na minha formação como escritor. Chama-se Flávia da Silveira Lobo, é professora, escritora, fotógrafa, zoóloga e uma porção de coisas mais. Quando comecei a escrever, fiz uma oficina com ela, que já estava com 81 anos. O trabalho que ela fazia sobre os textos que eu levava era maravilhoso. Ela ia botando umas cruzinhas na margem do texto, bem pequenas, pedia licença e dizia assim: «Ô, Raul, aqui está escrito algo. Você fala algo ou alguma

coisa?» Flávia foi uma pessoa chave nessa minha busca do coloquial, da simplicidade. E acabou virando minha personagem.

**DL** — Muitos escritores dizem que fizeram oficinas. Você acha que a oficina pode ajudar alguém a tornar-se escritor?

**LRM** — Depende. No geral, acho que sim. Pode não ajudar a tornar-se escritor, mas a escrever, a se desembaraçar dos medos e inibições. E depois, há um exercício de crítica que é muito salutar.

**DL** — Falando em crítica, quando um livro fica pronto, o que você faz com ele? Mostra a alguém, enfia na gaveta ou manda direto para o editor?

**LRM** — Geralmente, ponho na gaveta. Aliás, minhas gavetas ficaram fechadas por muito tempo. Foi Laura Sandroni que me obrigou a abri-las. Daí, nasceu «Fulustreca», «Cartão postal», «Chifre em cabeça de cavalo»... O Chifre, por exemplo, é um texto que estava pela metade. Existe muita coisa pela metade na minha gaveta. De vez em quando eu abro, pego alguma coisa. Tem algumas que não dá vontade de continuar.

**DL** — Você não perde o ritmo quando interrompe o texto por muito tempo?

**LRM** — Às vezes, sim. O «Chifre» estava pela metade. Em três dias acabei a história e gostei do jeito como ficou. Mas isso é raro comigo. Eu sou devagar.

**DL** — Há quanto tempo o «Chifre» estava descansando na gaveta?

**LRM** — Há uns dez anos...

**DL** — Depois que você dá o texto por terminado, ainda mostra para alguém ou manda direto para o editor?

**LRM** — Às vezes, eu mostro para amigos mais chegados. Nesse caso, mostrei para a Laura Sandroni, com quem eu trabalhava e é crítica de LIJ, a única em atividade há 20 anos.

**DL** — Quando você está do outro lado da mesa, como editor, o que acha mais importante numa obra de LIJ?

**LRM** — Primeiro, qualidade literária. Depois, o que ela me traz de novo, o que ela desperta, que pode ser o tema, um personagem, o estilo, o humor, o toque poético, a maneira de trabalhar a linguagem...

**DL** — Alguns autores defendem que não existe LIJ, mas apenas literatura. O que você acha disso?

**LRM** — Concordo em parte. Existe boa e má literatura. A literatura e a literatura entre aspas, como Monteiro Lobato a chamava. Mas existe também um público a que se destinam determinadas obras que, pelo vocabulário mais simples, pelos temas mais acessíveis, formam isso que se chama LIJ. Isso é um dado. Não dá pra fugir dele.

**DL** — Alguns autores dizem que escrevem para crianças. Outros afirmam que escrevem para si próprios. Você escreve para quem?

**LRM** — Todo mundo escreve para si mesmo. No momento em que você publica, está querendo falar com alguém, está se dirigindo a um leitor. Mas, na realidade, você escreveu para você mesmo.

**DL** — Quando escreve para si próprio, que idade você tem?

**LRM** — Aí é indefinido. Nunca sei. Quando me perguntam para qual faixa etária é o livro, não sei dizer. Sei mais ou menos o que as pessoas dizem que é: um texto juvenil, um texto infantil para crianças de 6, 7, 8 anos... Mas, na verdade, não sei.

**DL** — Quando o livro é dos outros, você sabe?

**LRM** — Sei mais ou menos. Claro que você acha que o texto é adequado para uma determinada faixa etária. Mas, para mim, esta é sempre uma questão de difícil solução. Tenho que me curvar a isso, trabalho com isso, mas não sem dificuldade.

**DL** — Vamos falar um pouco sobre escolas. Como autor, você costuma acompanhar o trabalho que fazem com seus livros?

**LRM** — Já acompanhei mais. Hoje, vou cada vez menos a escolas. Sempre digo que não gosto de ir mas, quando vou, adoro. Apesar disso, recuso muitos convites. Deve ser a chegada dos 50 anos. Estou me guardando mais para escrever, para fazer minhas coisas.

**DL** — No trabalho que os professores realizam com seus livros, tem alguma coisa que agrada ou incomode particularmente?

**LRM** — Me incomoda quando o professor dirige a leitura dos alunos pra onde ele acha que deve ir e não deixa a coisa fluir livremente. Quando faz perguntas diretivas, do tipo «o que o autor quis dizer com isso?» e já tem uma resposta, que ele considera como a única correta. Isso em literatura é terrível.

O barato da literatura é a abertura que dá para você dialogar com o autor num clima de total liberdade, de você achar o que quiser, de gostar ou não gostar à vontade. E não sofrer a interferência de alguém que diga o que você deve pensar a respeito daquilo. Mas tem também o outro lado da coisa. A possibilidade de professores e alunos descobrirem coisas com as quais você nem sonhava a respeito do seu texto. Isso já me aconteceu algumas vezes e é um grande barato.

**DL** — As editoras não têm uma parcela de responsabilidade com relação a essa postura diretiva de alguns professores, uma vez que são elas que elaboram as fichas de leitura?

**LRM** — Claro. Total.

**DL** — E aqui, na Ediouro, você está tentando fazer um trabalho diferente com as fichas de leitura?

**LRM** — Estamos muito embatucados com relação às fichas de leitura. Estamos procurando fórmulas novas, para que esse material seja de sugestão e não diretivo. A gente ainda não conseguiu, mas está trabalhando nesse sentido.



**DL** — Você acha que os professores receberiam bem se você incluísse alguma coisa como Os 10 direitos imprescritíveis do leitor, do Daniel Pennac, na ficha de leitura?

**LRM** — Acho que sim. Aquilo faz o maior sucesso. A gente colocou uma vez no Notícias da FNLIJ e a repercussão foi enorme. Todo mundo queria cópia.

**DL** — O que você aconselha aos jovens autores, que estão tentando publicar o primeiro livro?

**LRM** — O mesmo que Néelson Rodrigues: envelheçam (risos). Fora de brincadeira, que leiam muito. É impressionante o número de originais que chegam aqui, na Ediouro, escritos por gente que, evidentemente, não lê. São primeiros trabalhos e, pela carta que vem junto com eles, percebemos que o cara acha que inventou a pólvora. Coisas no tipo «estou fazendo um texto sobre ecologia que...», quando existem milhões de textos sobre ecologia no mercado, desde o muito bons até muita porcaria, e a maioria é porcaria. Então me dá certa aflição receber um texto de uma pessoa que não lê, que não tem idéia do que está acontecendo no mercado editorial. Não se pode exigir que seja um especialista, mas tem que saber o mínimo, o que se publica, o que é considerado bom e porquê. Leitura é fundamental. Não dá pra sair do lugar sem ela.

**DL** — Vamos voltar aos seus livros. Você costuma reler seus livros depois de publicados?

**LRM** — Costumo sim. Não acredito em autor que diz não reler os livros depois de impressos. Acho muito difícil. Volta e meia tenho vontade de reler, de encontrar coisas que escreveria de maneira diferente, outras que me agradam.

**DL** — De qual dos seus livros você gosta mais?

**LRM** — Ah, livro é feito filho. A gente gosta de todos...

**DL** — Então, diga o que você gosta mais em cada um dos seus livros.

**LRM** — Olha, o «João Teimoso» foi o primeiro, já está na 9ª edição, é muito conhecido. Gosto muito dele. Gosto das ilustrações, que foram inovadoras na época.

**DL** — «Flávia Flávia, professora ao contrário»...

**LRM** — É meu filho pobrinho. Não tem ilustração, foi feito sem nenhum cuidado gráfico e muita gente acha que ele é muito puxado para a mensagem didática. Eu não acho. Gosto dele, mas é um livro meio rejeitadinho.

**DL** — Você não tem vontade de reeditá-lo?

**LRM** — Bom, ele é reeditado periodicamente...

**DL** — Não falo em reimprimir, mas em reeditar mesmo, com novo projeto gráfico, ilustrações...

**LRM** — Ah sim, sem dúvida. Tanto o Flávia Flávia quanto o «Cabeça de cebola», que é um livro esgotado. Este também sem ilustração, mas por opção editorial. A gente queria fazer livros infantis só de texto. Teve uma tiragem pequenina, dificuldades de distribuição, mas, apesar disso, obtive uma resposta surpreendente por parte das cri-

anças. Elas me mandavam desenhos para botar no livro e realmente gostavam dele. Tenho uma coleção de desenhos do «Cabeça de cebola» em casa.

**DL** — E a «Fulustreca»?

**LRM** — A «Fulustreca» teve o trabalho fantástico do Roger Melo. É um livro que vira de cabeça para baixo, uma das invenções do Roger. Também gosto do texto. Foi um livro que me deixou feliz. Depois dele, veio o «Chifre em cabeça de cavalo», que me atrai particularmente. Tem o trabalho lindíssimo da Graça Lima, todo em preto e branco. Sou alucinado por preto e branco e o livro ficou ótimo, bem impresso, bem acabado.

Já «Cartão postal» foi a revelação de uma ilustradora nova, a Ana Goebel, ela fez um trabalho muito interessante. Todos os ilustradores que trabalharam comigo fizeram uma leitura diferente da minha sobre o texto, mas essa é particularmente evidente. Ela deixa páginas completamente sem ilustração e, de repente, abre uma página dupla com coisas que ela descobriu dentro do texto. E olha que é um texto meio difícil. Para mim, ele é inclassificável em termos de idade. É um texto triste.

**DL** — Como é isso de falar de tristeza para as crianças?

**LRM** — Pois é, não sei como acontece. Mas a maioria dos meus livros é triste. O «João Teimoso», por exemplo, é sobre a morte. Ele nasceu assim. Eu dei um tratamento poético à

morte, mas a coisa está lá. Faz parte da vida, acho legal falar disso. Vejo outros escritores fazendo a mesma coisa de maneira fantástica, veja a Lygia Bojunga, por exemplo.

**DL** — Quando criança, você gostava de ler sobre a morte?

**LRM** — Não particularmente. A coisa veio naturalmente. «João Teimoso» é dedicado à minha madrinha, que tinha morrido pouco tempo antes de eu fazer o livro. Foi uma morte que vivi muito intensamente e a coisa veio no texto.

**DL** — Então, seus textos não são necessariamente influenciados pelos livros que você leu quando era criança?

**LRM** — Não. A influência está lá, certamente, na linguagem, na maneira de tratar a palavra. Mas não nos temas.

**DL** — Você tem uma filha, não é? O fato de conviver com uma criança tão proximamente modificou seu jeito de escrever?

**LRM** — Não necessariamente. Agora, que a Ana está com 15 anos, tenho uma crítica mais próxima. O «Chifre» foi meu livro de que ela mais gostou. Quando lhe mostrei o texto pela primeira vez, Ana estava com 12 anos. Foi uma indicação de caminho, para mim. Ela gostou, se envolveu, riu e, como gosta muito de desenhar, disse que queria ilustrar.

Tivemos um problema por causa disso. Eu falei que ela precisava comer muito arroz com feijão antes. Ela ficou

uma fera comigo. Mas a Graça Lima usou três desenhos de unicórnio, feitos pela Ana, no meio do livro. Então, de alguma maneira, ela participou. Mas eu prometi que, depois que ela comer todo o arroz com feijão que precisar, vamos fazer uma parceria.



# **Fanny Abramovich**

## **Os morangos perguntantes**



Entrevista publicada em  
outubro de 1998

*Fazer entrevista por email apresenta alguns inconvenientes. A gente não vê o rosto do entrevistado, perde a surpresa, a risada, o ritmo. Mas parece que ser entrevistado por email não é tão ruim assim. Pelo menos para Fanny Abramovich, pedagoga, crítica e escritora cujo sucesso já pode ser medido na casa do milhão de exemplares vendidos.*

*Fanny só chiou por ter como entrevistadores Celso Sisto, Luiz Carlos Neves e Rosa Amanda Strausz. «Três contra um é covardia!». Mas enfrentou a batalha com o bom humor de sempre, ao som de Ben Webster, e ao lado de uma boa tigela de morangos gelados.*

**Doce de Letra** — Vender um milhão de exemplares, ser aplaudida de pé por onde passa... tem gente que entra em crise quando chega a este ponto da carreira. Como você lida com os estrondos do sucesso?

**Fanny Abramovich** — Eu sempre fui bem sucedida no que fiz. Também me joguei por inteira, com paixão, tensão, comichão, coceiras, ímpeto... Mas sempre tive uma sabedoria... Quando sentia que já estava encerrando um ciclo, que estava começando a repetir propostas e respostas (fosse em sala de aula do pré-primário, em pós graduação de criatividade na educação, o que fosse...) tratava de ir tirando o meu time de campo. Sacar o momento de me mandar, de fechar o que – pelo momento – já estava respondido. E tratar de me propor novas questões sobre outro assunto.

Fico pasma com amigos e conhecidos meus que repetem os mesmos cursos ou oficinas ou palestras há anos... Cadê a necessidade de mudança pessoal e de repertório??? Eu quero é crescer e não me imobilizar em alguma



sabedoriazinha... Muita gente já vendeu mais de um milhão de exemplares. A Ruth Rocha, o Ziraldo, o Marcos Rey, o Pedro Bandeira, etc, etc... Só que eles estão há muito tempo nesta trilha. Eu, não. Comecei a escrever ficção no finalzinho dos 80 e dizer que vivo de direitos autorais, é coisa de uns 7 anos. Isto é que é fantástico!!

Não sei se sou um sucesso estrondoso. Não quero ser famosa... Eu quero é ser inesquecível... Eu e Rebeca. Bom é saber que fui marcante na vida de muita gente. Que abri portas, comportas, que desvendei outros caminhos para cada um – que foi meu aluno e talvez leitor – se descobrir. Isso é que importa. O resto é ôba-ôba!

**DL** — Em 1983, você escreveu quase um manifesto pessoal, convidando os autores a escrever uma melhor LIJ. Você acha que seu convite tem sido atendido?

**FA** — Eu fiz isso?? Joram??? Onde é que desencavaram este manifesto??? Se dizem que escrevi, devo ter escrito...

**DL** — Foi no «O estranho mundo que se mostra às crianças». O livro tinha um artigo chamado «Do que ando sentindo falta na Literatura Infantil Brasileira»...

**FA** — É mesmo... Escrevi sim :-))) Mas não acho não, que este meu pedido tenha sido ouvido. Claro, autores maiores como a Marina Colasanti, a Lygia Bojunga Nunes, a Sylvia Orthof (aí que saudades doídas...) e outros continuaram deslumbrando, encantando, surpreen-

dendo. Gente nova pintou, mas menos do que eu gostaria e torceria. Gente como o José Paulo Paes e o Fernando Paixão na poesia, o Léo Cunha, o Celso Sisto, um ou outro com algum achado que não se seqüencia como anunciava... E a maior parte do que se publica ainda seria bem dispensável... Sorry pra todos.

**DL** — Você apareceu por escrito como crítica (feroz) da produção cultural para crianças. Em quê a crítica Fanny beneficiou a escritora Fanny?

**FA** — Acho que quem me leu naquela época (ou nos escritos daquela época) pode ver bem visto que me mantive muito coerente. O que cobrava dos outros, cobro de mim. Os temas que achava faltantes, os preconceitos que apontava, a criança idealizada, pura, boa, virtuosa, etc que via por escrito em tantas páginas irritantes, trato de encarar. Se me flagro em uma atitude preconceituosa, rabisco e delete, embora pouca coisa me irrite mais do que o politicamente correto. Não é por aí a minha veia...

Meus personagens – crianças ou adolescentes – são vivos, tem conflitos, dúvidas, raivas, ataques, ciúmes, preguiça... Enfim, são como as crianças que conheço, com quem trabalhei tantos anos... Os temas que achava faltantes, fui tratando de incorporar, de fazer virar história. Sei que não sou babaca quando falo com crianças, moralista e assexuada quando falo com jovens.

Não ensino nada, não explico nada. Deixo acontecer como na vida...

**DL** — No caso do humor, que você usa tanto e tão bem. O escritor vive ou finge a alegria das personagens?

**FA** — Obrigado pelo elogio. Adorei! Sempre fui bem humorada, alto-astral, leve, pra cima. Devo ser meio boba alegre. Dou risada de tudo, me divirto com tudo, acho graça em quase tudo. Difícil eu cair em depressão... A situação logo vira caricatura, deboche, melodrama... E não dá pra chorar com melodrama... Sou engraçada naturalmente. Não finjo mesmo. A graça flui, se mostra sem eu ter pensado nela. Quando vou reler, a frase é divertida e até eu estou sorrindo com ela...

**DL** — A crítica especializada fala muito respeitosamente dos livros «densos» mas não usa o mesmo tom quando se refere a textos que usam o humor como forma de expressão. O que você pensa disso, como crítica e escritora?

**FA** — É vero. E uma grande bobagem... Lobato sobrevive pela irreverência, deboche, malcriação e não pelos ensinamentos... Mark Twain ainda é o melhor e maior escritor juvenil de todos os tempos, pela graça, ousadia, criatividade, soltura que teve... Mas quando até o Woody Allen acha mais importante o Bergman do que ele, o que é que a gente pode fazer??? Bocejar com o Bergman e rever pela milésima vez com um sorriso por uma piada

ainda não percebida do Woody Allen... É mais fácil ser sério... Não curto mesmo. Sou séria, nunca seriosa. Não tenho paciência pro chato, pro arrastado, pro pernóstico, pro muito burilado sem nenhuma precisão dele... Prefiro os Irmãos Marx!!! Em tudo, sempre. Nunca quis ser o Visconde de Sabugosa ou a Narizinho. Mas quando crescer, ainda vou ser mesmo a Emília.

**DL** — Agora, veja que coisa engraçada. Quando você citou, meio ao acaso, escritores novos e veteranos que encantam você, o único nome da relação que tem o humor como constante na produção é a Sylvia Orthof. Todos os outros, embora maravilhosos e originais, escrevem textos que poderiam ser classificados como «densos». O que você acha que está acontecendo com a LIJ brasileira? Falta qualidade no humor ou falta humor de qualidade?

**FA** — O final da questão, a pergunta mesma, é um primor de humor. Maravilhenta!! Claro que humor como o da Sylvia ninguém teve na literatura infantil... Aquela cabeça desvairada, andante, onde tudo convivia e podia acontecer, ninguém teve. Sempre disse pra ela, que morria de inveja da cabeça dela. Queria emprestada por 5 minutinhos que fossem, só pra poder enxergar o mundo cambalhotante, revirado, misturado...

Alguns outros autores são engraçados, às vezes, mas não habitam no humor. A Ruth Rocha, o João Carlos

Marinho(só nos primeiros e melhores livros), o Mário Prata, o João Ubaldo naquela delícia do «Pandonar...», o nunca assaz louvado Monteiro Lobato. Como disse, alguns achados, mas não uma linha sinuosa e sacolejante. Escrevi um capítulo sobre o humor na LIJ no meu livro: «Literatura Infantil – gostosuras e bobices». Mas não tenho nada contra o denso... Me encanta, me envolve, me entenece, me sensibiliza. Nada mais lindo que um conto do Andersen, uma história encantada da Marina Colasanti, um achado belo do Bartô Campos Queirós, uma audácia rompedora da Lygia Bojunga... Gosto de rir, mas não é só ficar gargalhando...

**DL** — O que você gosta de ler?

**FA** — Me debruço na poesia por horas envolventes, copio as bonitezas encontradas, me arrepio com a precisão dum verso definitivo, me encanto com Drummond, Manoel Bandeira, M. de Barros, João Cabral de Mello Neto... Meu autor favorito dos últimos tempos tem sido o Henry James, que está longe de ser leve e solto... Sorvo seus romances, contos, ensaios, com sofreguidão e maravilhamento suspirante.

Curto a literatura sofrida, marginal do Caio Fernando Abreu, mas gostaria de saber escrever as alfinetas precisas e definitivas da Dorothy Parker, que é amarga e desapiedada. (Babem... quando vou a New York, fico no Algonquim, pra viver minhas horas de Dorothy...).

Amo os policiais americanos, sobretudo Chandler e a estarrecedora Patricia Highsmith que paira acima da ética. Me embalo no Fitzgerald, no Steinbeck (meu Deus, como estou americanizada... pareço a Carmem Miranda...).

Eu gosto de BOA literatura!!! Devoro tudo, insaciável. Quando curto, quero mais e mais... Leve, divertida, sofrida, amarga, visceral... Mas bem escrita, criativa, ousada, maravilhenta.

Não suporto MESMO a chatice medíocre, a petulância erudita, a ausência de vitalidade, o arrastado pré-fabricado, o estereotipado, o pretensamente vanguardeiro, as experiências de linguagem ocas e sem razão de ser ou de propor nada que não seja começar um livro com uma vírgula...

**DL** — O que você considera original na sua escrita, diante deste mercado tão inflacionado de produções de baixa qualidade? Qual é a marca do texto da Fanny Abramovich que o diferencia de outros?

**FA** — Na linguagem, acho que o humor, a irreverência, os neologismos que me deliciam, o ritmo rápido, a oralidade sem diálogos... Nos temas, o falar das invejinhas não pecaminosas, da irritação existente, no dedo-duro, na professora chata e incompetente, no tesão, nas transas, na morte... Enfim, falar da vida acontecente no mundo por onde caminham meus personagens.

**DL** — Os pediatras, os professores, os pedagogos admitem, sem problemas, que trabalham para as crianças. Entretanto, todos os dias vemos escritores da LIJ negarem que pensam nos meninos e nos jovens. Seria um complexo velho-novo de apóstolo Pedro, que negou três vezes?

**FA** — Sou judia... Não tenho a menor idéia do que foi que Pedro negou três vezes...

**DL** — Não faz mal, a gente pergunta de outro jeito :-))) Os pediatras, os professores, os pedagogos admitem, sem problemas, que trabalham para as crianças. Entretanto, todos os dias, vemos escritores da LIJ negarem que pensam nos meninos e nos jovens no momento da escrita. Seria um complexo, uma vergonha de fazer LIJ, não agüentar a pressão do meio literário, ou fingimento?

**FA** — Comecei escrevendo livros para professores. Pensava neles, nas dúvidas, angústias, paradas, inércias. Escrevia pra eles. Cutucando, perplexando, botando novas dúvidas, retirando velhas certezas. Sabia pra quem estava escrevendo, porquê, e me jogava nisso. Com clareza. Agora, quando escrevo pra crianças ou jovens, penso neles. Adoro fazer LIJ. É opção, é escolha.

Quando estou escrevendo pra crianças ou adolescentes, penso nos olhos piscantes da molecada quando foi minha aluna. Lembro das crianças e jovens com quem esbarro na rua, nas escolas, onde nos trombamos. E tenho nítida a olhadela aguda, perguntante, querente e tento

falar sobre isso... Lembro da criança que fui, viro criança, me pergunto, me solto, brinco, me divirto, acho respostas espantosas.

Não aguentar a pressão do meio literário??? Nem desconfio o que seja isso. Faço questão de estar longe das panelinhas, dos saraus fechados, das conversas repetidas com as mesmíssimas pessoas sobre as mesmas questões... Fingimento?? Nunca tinha pensado nisso... Mas até periga de ser. Escrever pra criança fingindo que não é pra ela nem com ela??? Como diria aquele personagem do Jô Soares «chose de loque»...

**DL** — Em I. B. Singer, a presença do judaísmo é presente, clara, com seus humores e dores, por exemplo, nos seus contos da aldeia de Schelm. Ou nos textos do gaúcho Moacyr Scliar. Em outros, como Lispector, está ausente. De alguma forma, essa cultura e religião milenar orientou os seus livros?

**FA** — Não, infelizmente... Minha ligação judaica foi com minha avó. Ela é quem acendia as velas do Shabat, que jejuava no Yom Kipur, que cultuava a ética judaica... Claro, cresci no Bom Retiro, o bairro judaico de São Paulo, de algumas décadas atrás... Mas só fui pruma escola judaica, o Scholem, como professora.

Estudei no Batista Brasileiro e era louca pra entregar meu coração a Cristo... Minha família, sobretudo minha



mãe, era comunista de carteirinha. Militante, dirigente. Minha formação, meu leite, vem mais daí... Não sei ler ou falar iidich... Não sei nada da cultura judaica. Claro, leio com prazer envolvente o Moacyr Scliar (adoro!!!), os contos do Scholem Aleichem, do I. L. Peretz, do Singer, do Michael Gold... Mas, só sou filha do povo do mel. Minha ignorância judaica é avassaladora. Mesmo assim, num livro infantil que está saindo agora, o «Caras Encaradas» (Saraiva) a relação é entre uma garota negra, a Sarah e um menino judeu, o Tato. Está bonito! Gostei de inventar, de escrever de tornar viva esta relação.

**DL** — Cecília Meireles disse em BH que não se podia definir uma literatura infantil «a priori», mas «a posteriori». Você acha que a situação mudou depois de tanto tempo?

**FA** — Olhem, ou melhor, leiam... Quando começo um livro novo, penso que estou escrevendo pra quem tem 7-8 ou 13-14 anos. Imagino este leitor. É com ele que dialogo, que troco figurinhas, pra quem conto uma história onde possa se encontrar, se ver, observar como outros como ele resolveram aquele conflito, aquele baita impasse, aquela dúvida massacrante. O que acontece depois do livro ser impresso, foge à minha compreensão...

Tenho um livro, o «Que raio de professora sou eu?» que foi escrito para 7<sup>a</sup>-8<sup>a</sup> séries, curso de magistério.

A linguagem foi retrabalhada pra chegar neles. E pra meu completo estupor, é adotado em cursos de pós-graduação de pedagogia... Livros que escrevi para crianças de 9-10 anos, são adotados para alunos de 7ª série, que, no mínimo, devem me achar ligeiramente idiotizada... Mas pra mim, pelo menos por enquanto, se define a priori...

**DL** — Hemingway dizia que o autor não deve meter o bedelho na relação texto-leitor. Na LIJ, como você vê a relação autor-leitor?

**FA** — Posso dizer de mim... Recebo cartas de leitores, e respondo todas. Batata! Algumas são estereotipadas, tipo lição de casa mandada pela professora. Um monte de cartas iguais, fazendo as mesmas perguntas, dizendo mais ou menos a mesma coisa sobre o livro em questão... Sublinho isso na resposta.

Outras, as que vem espontaneamente, são deliciosas. Surpreendentes, vivas, curiosas, perguntantes, ávidas. É um retorno lindo! Gostamente redondo! Falar em escolas também, é mais ou menos isso. Dá o repeteco previamente sabido das «dúvidas criativas das ensinantes» e uma ou outra vozinha discordante, que me faz acordar, vibrar, bater palmas e pedir bis.

**DL** — Como é seu processo de criação? De onde «saem» os temas dos seus livros?

**FA** — De qualquer coisa sacada, ouvida, percebida. Duma frase dita pelo Humphrey Bogart num filme visto na madrugada, dum diálogo ouvido no ônibus ou no shopping, dum comentário do motorista de taxi, duma vivência... Vou anotando tudo em folhinhas de papel e guardando em pastas. Quando começo um livro novo, olho aquele monte de papezinhos, jogo fora muitos, junto alguns, vou dando forma, escolho o assunto... e deixo a imaginação ir montando a narrativa.

**DL** — Como entram os aspectos auto-biográficos no seu processo de criação? Ou se não é o caso, como você mergulha no universo alheio?

**FA** — Auto-biográfico mesmo só o «Ziguezagues» (porque foi encomendado como depoimento) e um conto «Avó... Tem duas?»... Nas outras escrevinhações é uma mistura de tudo: de lembranças fragmentadas das crianças com quem trabalhei, da criança que fui e sou (não nos fatos... nas emoções, reações, espantos, sacadas) em longas conversas pelo telefone com crianças ou jovens daquela idade, sobre aquela questão que não estou conseguindo resolver direito, não sei o que é o correspondente de hoje praquilo que um dia também amei, etc. Mas deixo muito o imaginário funcionar, o inconsciente aflorar e decidir, o personagem mandar no seu destino e escolha.

**DL** — A relação autor/personagem nem sempre é muito fácil. Você escreveu, recentemente «Dias difíceis», um

livro sobre a AIDS. Além do processo de pesquisa, você também passou pelo calvário da melancolia?

**FA** — Of course... De verdade, mais do que sobre a AIDS é um livro sobre a morte da mãe. É sofrência pura, é tristeza infinita, é dor doída, doídissima... Foi muito duro pra mim. Também perdi minha mãe (bem mais velha do que o personagem, mas assim mesmo só tinha 20 anos e o mundo desabou...) e tenho perdido amigos queridos, amados, insubstituíveis. Alguns como a Sylvia Orthof, que me faz uma falta danada... E muitos de AIDS, como o Caio Fernando Abreu, que foi amigo, cúmplice, companheiro das madrugadas e tantos outros... «Dias difíceis» foi um ano quase inteiro difícil pra mim - demorei quase um ano pra escrever aquelas 40-50 páginas...

**DL** — Você já provocou terremotos, maremotos e idéiamotos nas escolas com seus livros. No entanto, quando a gente os lê com atenção, percebe que trazem mais perguntas do que respostas. Você acha que o mal da escola é o excesso de certezas?

**FA** — Adorei a escrivinhação desta pergunta. Lindona!!! Claro que acho. Saiu agorinha, uma nova edição, revisada e superataulizada dum livro meu exatamente batizado como «O professor não duvida! Duvida?» (Ed.Gente). É o que vejo, sinto, cheiro, constato, saco... Já disse que, embora legítima filha da USP, não sou cartesiana e não

assino o «Penso, logo existo». Ah, sou muito mais hamletiana e berro: «Duvido, logo existo».

Quando fazia jornalismo, os copys ficavam histéricos quando chegava uma matéria minha. Eu usava adoidado as reticências e isso, parece, é pecado mortal no jornalismo. Mas eu sempre fui professora e morro de medo de botar ponto final nas coisas, nos pensamentos e dar como dito, declarado e finalizado. Prefiro as reticências abridoras de possibilidades não definitivas, prefiro os pontos de interrogação perguntantes e perplexantes.

Ainda no assunto... Sou muito convidada pra falar pra professores, pelo país todo. Aceito quando me dizem: «Queremos você, porque queremos que os professores sejam cutucados, mexidos». Aí, é comigo mesmo. Se é pra derramar meia duzia de verdades absolutas, nem as conheço e nem sou a pessoa indicada.

**DL** — A escola é considerada por editores e grande parte da sociedade como o mercado preferencial da literatura infantil. Você acha que isso ajuda ou atrapalha a literatura?

**FA** — Teoricamente, atrapalha. Porque passa-se a ler por obrigação, por adoção, por cobrança. E não por compulsão insegurável, por tesão explodindo, por curiosidade atiçadora.

Eu, que li desde sempre, fui frequentadora de bibliotecas, vou muito à livrarias, não resisto a um atraente sebo, fuço nas barraquinhas de livros velhos e empoeirados

espalhados pelas esquinas, me debruço nas estantes alheias e pego emprestado, etc. A escola poderia fazer também tudo isso. E não só aquela adoção única de um único título pra toda uma classe de 40 moleques durante um bimestre ou coisa que o valha. Fazer encontrar o livro atizador, o irresistível, o querente naquele momento. De um jeito amplo, bonito, redondo, gostoso... Ampliar as possibilidades infinitas de escolhas e não oferecer uma única possibilidade e ainda por cima, nem a eleita pelo moleque-leitor. Brabeira!

**DL** — Muitos escritores e críticos defendem que a LIJ não existe como gênero. O que existe é literatura e pronto. Isso faz a gente supor que não existe uma especificidade na literatura infantil. Como uma das poucas escritoras que declara com clareza e alegria que produz textos para crianças, você consegue me dizer o que faz com que um texto seja infantil ou juvenil?

**FA** — Não é o tema, of course. Este pode ser qualquer um, pra qualquer idade. Mas, é claro que existe uma especificidade na linguagem. Não que esteja dizendo que não se pode usar palavras difíceis ou coisa parecida. Pode usar tudo, posso inventar as palavras que necessite e ache faltantes. Mas elas devem fazer parte do universo da criança, pra ela ler, entender, sacar e se jogar... Todo mundo sabe que os parágrafos não podem ser longos, porque

a leitura torna-se penosa pra quem ainda não domina as letrinhas... O ritmo, envolvente, chamante, convidante e não arrastado, chato, infundável...

Mas sobretudo, as falas dos personagens, os seus comportamentos, ações, reações, espantos, declarações, paradas ou andadas, terem que ver com os da criança-leitora. Pra que ela possa se identificar, se achar naquelas páginas, naquela história, naquelas mesmas perguntas que se faz e não encontra a resposta, naquelas sofrências específicas do crescimento que atormentam, atordoam... E talvez, encontrar uma possível resposta pros seus específicos tormentos (daquela idade, não importa em que geografia ou em que momento histórico eles aconteçam...).

**DL** — Como você percebe o crescimento dos grupos de contadores de histórias e sua relação com a LIJ?

**FA** — Com o maior encantamento. Com deslumbrância! Sempre adorei ouvir histórias... Sempre adorei contar histórias... É mágico, poético, abraçante, musical, penumbrento... Tem sabor de voz da mãe ou da avó da gente, embalando prum sonho lindo.

**DL** — Como se sentiu quando alguém contou em voz alta alguma história sua?

**FA** — É de não acreditar... Até porque é duma injustiça total!! Nunca ouvi... Nunquinha. Sei de editoras que mandaram contadores pra escolas e associações, mas não fui

chamada pra ir junto... Na festa do meu milhão de livros, tinha uma contadora fantástica, a Tininha Calazans, se debruçando sobre textos meus... Todo mundo ouviu, menos eu. Tinha tanta gente na fila pra me dar um abraço, que era impensável sair da cadeira e sentar no chão pra ficar saboreando junto...

Uma vez, numa entrevista na televisão, uma atriz leu um trecho meu. Juro que não reconheci como meu... Não lembrava mais... Ainda disse alto: «Nossa, que lindura!» O apresentador atônito gaguejou: mas é seu. Está no livro tal... Fiquei roxa.

*fim*





# e-Books Doce de Letra

<http://www.docedeletra.com.br>

**Babel, um conto de Natal.** Roseana Murray. Il. por Edineusa Bezerril.

MSR, PDF, HTML

**Entrevistas 1.** Angela Lago, Luiz Raul Machado, Fanny Abramovich.

MSR, PDF.

Próximo:

**Entrevistas 2.** Bartolomeu C. Queirós, Graça Lima, Fátima Miguez.

MSR, PDF.

---

MSR - para MS Reader e PC Pocket, padrão Open eBook. PDF - para Acrobat Reader. HTML - para Netscape ou MS Explorer, versões 4 ou superiores.